

ELEIÇÕES

Pré-candidata do PT à sucessão presidencial, ministra da Casa Civil diz que oposição ameaça acabar com PAC ao inaugurar obra do programa e se emociona ao reafirmar a sua origem mineira

Dilma faz ensaio da campanha

LUIZ RIBEIRO

Jenipapo de Minas – Em sua primeira viagem a Minas neste ano, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, não se intimidou diante dos cerca de 3 mil moradores de Jenipapo de Minas e de cidades do Vale do Jequitinhonha que se espremeram em frente a um palanque para ver o presidente Luiz Inácio Lula da Silva inaugurar a barragem de Setúbal. A ministra que é pré-candidata à Presidência da República soube tirar proveito eleitoral do evento e acusou a oposição de preparar o fim do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), mas poupou o governador Aécio Neves (PSDB), que tem alto índice de aprovação popular, e afirmou que ele é republicano e parceiro do governo federal. Como ministra candidata, prometeu asfaltos trechos da BR 367 com recursos do PAC. De olho nos votos de Minas – o segundo maior colégio eleitoral do país – dedicou a parte final do seu discurso à “explicação” de que nasceu no estado e, embora more no Rio Grande do Sul, se considera mineira. Emocionada, não conteve as lágrimas.

No palanque, Dilma disse que a oposição ameaça acabar com o PAC caso vença as eleições. “Muitas pessoas têm dito nos últimos dias – aliás, foi o próprio presidente de um partido de oposição, que acabaria com o PAC como uma das medidas que seriam tomadas (caso a oposição vencesse a eleição), porque o PAC não existe. Então, ele acabaria com a essa história do PAC, o que é muito grave, porque aqui estamos inaugurando uma obra concreta”, afirmou Dilma, referindo-se ao senador pernambucano Sérgio Guerra, presidente nacional do PSD. “Vira e mexe, querem acabar com algum programa do governo Lula. Em 2006, foi a época que eles queriam acabar com o Bolsa-Família. Em 2010, o objetivo é acabar com obras como esta que estamos inaugurando”, afirmou.

A ministra disse que o PAC é “um programa real”, com muitas obras nos diversos estados e em muitos municípios brasileiros. Disse que, na realização das ações do programa, o governo federal não faz discriminações. “Nós temos a missão de avançar, sem olhar se o governador

ou prefeito (atendidos) é a favor ou contra, se faz oposição ou não”. Nesse sentido, lembrou que os prefeitos mineiros e o governador Aécio Neves “têm sido parceiros exemplares – republicanos – nesse desafio, que é mudar o Brasil”.

A ministra pôs em prática a estratégia de se colocar como candidata mineira à Presidência da República e disse ainda que nasceu em Belo Horizonte, onde estudou e formou-se economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). “Depois, fui obrigada por razões políticas, por perseguição política, a sair de Minas Gerais”, disse, justificando porque mudou-se para o Rio Grande do Sul. Assegurou que, por isso, não vai aceitar que haja discussão se ela é mineira ou não. “Não tenho dúvida de que sou mineira. Quero dizer para vocês que a gente pode sair do estado onde a gente nasce, mas, o estado não sai da nossa alma e do nosso coração”, afirmou a ministra, que encerrou o discurso indo às lágrimas.

ELEITORES Moradores de Jenipapo de Minas e municípios vizinhos deixaram seus afazeres, ontem, com o grande objetivo: ver de perto o presidente Lula. Para chegar até o local onde foi armado o palanque, ao lado da barragem de Setúbal, a 13 quilômetros da cidade, a maioria foi transportada em ônibus das próprias prefeituras. Antes da inauguração, a reportagem do EM conversou com vários moradores que enfrentaram a fila para o acesso ao local onde foi armado o palanque. Quase todos eles disseram que pretendem votar no candidato do presidente Lula, mas disseram não saber o nome do candidato, alegando também desconhecer Dilma.

“O lado que o Lula alumiar (iluminar), a gente acompanha”, disse o lavrador Manoel Alves dos Santos. O agricultor Antonio de Oliveira Santos disse que ficou muito contente pela oportunidade de conhecer Lula e repetiu: “a gente vai para o lado que ele for”. Ambos disseram que não conheciam Dilma. A dona de casa Ana Maria Emetério mostrou desconhecimento maior ainda: “Ué, o Lula não vai candidatar de novo não? Eu achava que o candidato era ele”.



Em palanque próximo à barragem de Setúbal, em Jenipapo de Minas, no Vale do Jequitinhonha petista encerra discurso sem conter lágrimas

“Vira e mexe, querem acabar com algum programa do governo Lula. Em 2006, queriam acabar com o Bolsa-Família. Em 2010, o objetivo é acabar com obras como esta

”
Dilma Rousseff,
 ministra da Casa Civil

Discurso nacionalista na defesa da continuidade

A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, usou tom nacionalista para falar da “nossa cana-de-açúcar”, o “nosso etanol” e a “nossa Petrobras”, em discurso ontem na inauguração da primeira turbina movida a etanol em uma usina térmica no mundo, instalada em Juiz de Fora, em unidade administrada pela Petrobras. Dilma tratou de ressaltar as vantagens ambientais brasileiras frente a outras nações, que possuem na matriz energética um menor percentual de fontes renováveis do que o Brasil. “Muitos já gastaram todas as suas reservas. É o caso de alguns países da Europa que chegaram a explorar até 90% de seu potencial, ou mesmo de outros que utilizam carvão e óleo combustível porque não têm alternativas. Nós aqui

somos abençoados”, disse.

Após discorrer sobre toda a programação feita ontem em Minas junto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma dedicou a maior parte do seu discurso para tratar da importância do desenvolvimento da tecnologia do etanol para buscar mercado lá fora e para “cuidar do meio ambiente”. “Vocês leem todos os dias nos jornais sobre os esforços que o mundo tem que fazer para que não haja um esquentamento de mais de dois graus nos próximos anos. E o Brasil assumiu o compromisso de desenvolver projetos como este, utilizando gás e o etanol, o nosso etanol renovável, produzido ao longo de décadas de esforços dos brasileiros”, disse.

POTÊNCIA A ministra também

fez questão de ressaltar a importância da continuidade do atual governo e seus projetos. “Nosso país, o Brasil, Minas e Juiz de Fora podem muito mais. Somos capazes de fazer mais quando temos autoestima e o Brasil hoje é valorizado. O presidente Lula é hoje uma das maiores lideranças mundiais, para não dizer a maior. E vamos fazer mais. Há esta vontade de tornar o Brasil a quinta potência nas próximas décadas, gerando mais e mais emprego”, discursou.

Dilma ressaltou que a usina de Juiz de Fora pode ser considerada um marco para a criação de um novo mercado para a “nossa cana-de-açúcar”. “Aqui em Juiz de Fora estamos dando um exemplo para o mundo”, disse.

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
 MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



O vice de Serra

Das muitas coisas aborrecidas da eleição presidencial de 2010, uma das maiores é a insistência de alguns setores políticos e de parte da mídia na tese de que Aécio vai terminar sendo candidato a vice na chapa de Serra. Ele já disse centenas de vezes que não, mas parece que há gente que não o escuta.

Na verdade, essas pessoas apenas não acreditam nas palavras do governador. Para elas, é como se Aécio estivesse apenas fazendo um jogo de cena, fingindo que já teria tomado uma decisão sobre algo que, na verdade, permaneceria em aberto e que continuaria a fazer parte de seus cálculos. Inversamente ao que afirma, a hipótese de ser vice de Serra ainda estaria viva em seus planos.

Tudo se resumiria a uma questão de oportunidade, da escolha da hora certa em que

Serra formalizaria o convite e Aécio aceitaria. Nada além de encontrar o jeito de se aproximar do outro com uma abordagem irrecusável, de, como um bom sedutor, fazer a proposta à qual ele não resistiria. Depois de cortejá-lo, de dar o bote.

Faz mais de ano que o assunto vai e vem, sem que Aécio tenha feito sequer um movimento que sustente a tese. Ao contrário, tudo que ele fez foi na direção oposta. Não havia nenhuma razão para que ele considerasse previamente encerrada a discussão sobre como seu partido iria participar da sucessão de Lula. Serra sempre esteve bem nas pesquisas, mas isso nunca foi motivo para que sua candidatura tivesse que ser encaráda como inexorável e única. De um lado, por sua vantagem ser, em grande parte, explicada pelo seu maior

nível de conhecimento, fruto da participação em uma disputa nacional e várias majoritárias em São Paulo. De outro, pelo próprio Serra haver desistido de concorrer na eleição passada (quando tinha números semelhantes), ao perceber que suas chances de perder eram altas.

Quando, ainda em 2008, Aécio começou a defender que o PSDB fizesse prévias entre seus filiados para escolher o nome que o representaria na eleição, ele estava genuinamente convencido de que elas eram possíveis e salutares para o partido. Talvez levando em conta o quanto haviam sido instrumentais para que Obama se tornasse candidato frente ao favoritismo de Hillary Clinton, ele lutou durante meses para que fossem adotadas.

Não foi por manobra ou sabedoria de alguém que elas não aconteceram. Como todos os partidos brasileiros, salvo o PT, o PSDB mal sabe quantos são seus filiados, para não dizer seus endereços. Se, em anos

anteriores, tivesse havido mais preocupação em manter atualizado esse cadastro, as prévias tucanas poderiam perfeitamente ter sido realizadas.

Quando se revelaram operacionalmente impossíveis, Aécio permaneceu em campo, nunca sinalizando que recuaría para uma composição em que viesse a ser o vice de Serra. Nos últimos meses de 2009, sua disposição de ser o candidato de seu partido não diminuiu um centímetro.

É claro o porquê. Para ele, a possibilidade de ser candidato a presidente é totalmente vantajosa, vencendo ou perdendo para Dilma em outubro. Na vitória, por motivos óbvios. Na derrota, pois se tornaria um nome nacional (provavelmente maior que Serra é hoje) e assumiria o posto de principal liderança de um novo PSDB pós-FHC. Isso mais que compensaria o ônus de ficar sem mandato por alguns anos. E se fosse o vice de Serra?

Caso ele perdesse (coisa que parece perfeitamente possível à luz das pesquisas atuais), Aécio teria trocado uma vaga no Senado por nada. Ou alguém acha que um candidato derrotado a vice-presidente chega a algum lugar? Na dúvida, pergunte a José Paulo Bisol, por exemplo.

Serra não seria Serra se seu vice opinasse em seu governo. Aliás, vice com autonomia costuma ser visto pelo titular como traidor, sem que, para achar isso, tenha que ser José Serra. Ou seja: Aécio continuaria tendo trocado o Senado por quase nada. Sua visibilidade nacional não crescería uma vírgula durante a campanha e, no governo Serra, permaneceria mínima. O compromisso de que poderia, sabe-se lá quando, ser seu candidato vale tanto quanto uma nota de três reais.

Aécio não é vice de Serra e não pretende ser. Quem o diz é ele, que acrescenta que a probabilidade de que mude de opinião é zero. É tão difícil entendê-lo?

“Aécio não é vice de Serra e não pretende ser. Quem o diz é ele, que acrescenta que a probabilidade de que mude de opinião é zero. É tão difícil entendê-lo?”